

O livro, a leitura e a biblioteca na virada do século

**Palestra proferida por Affonso Romano de Sant'Anna, poeta e
Diretor da Biblioteca Nacional.**

Faltam apenas cinco anos para que o século XX acabe. E cinco anos passam muito rápido, posso advertir aos jovens que acabam de entrar na universidade e que ao ingressarem no século XXI estarão apenas começando sua vida profissional em seus escritórios e oficinas.

A aproximação de um novo milênio provoca sempre ansiedade. Surgem as profecias apocalípticas, aumenta a síndrome de Nostradamus, ou, então, nos deixamos possuir por uma mítica e cândida esperança, certos de que alguma coisa vai ocorrer cósmica e naturalmente com a mudança do século.

No nosso caso, o esgotamento cronológico do século XX soma-se a um fato concreto: vivemos um momento de velozes, desnorteantes e estupendas conquistas tecnológicas, que nos obriga a rever nossos instrumentos de trabalho e a repensar as relações sociais.

Mas perguntaria eu a esse propósito, tentando aprofundar algumas questões subjacentes ao meu pensamento: - Faltam realmente cinco anos para que iniciemos outro milênio? Ou será que o século XXI já começou e muitos não se deram conta?

Antigamente os séculos duravam às vezes mil anos, como ocorreu com a Idade Média. Hoje, um século pode durar apenas 50 anos. Possivelmente dentro do século XX houve dois séculos. Um antes e outro depois das bombas atômicas explodidas em Hiroshima e Nagasaki. E estou convencido, em prosa e verso, que o século XX terminou há uns seis anos. Uns dizem que terminou em 1989 com a queda do Muro de Berlim, formidável evento semelhante à queda de Constantinopla ou do Império Romano. Outros podem dizer que o século XX terminou em 1991

* Palestra proferida no Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (UnB), em março de 1996.

quando houve o golpe e o contragolpe da Rússia, que acabou por liquidar o partido comunista soviético e por desmontar internamente os muros que burocraticamente sustentavam aquele poder. Neste caso, se o século XX realmente acabou em 1991, posso lhes afirmar que eu estive lá, e vi, com esses olhos que a terra há de comer como foi que a história se desmoronou. Relatei isso, aliás, no livro *Agosto 1991, estávamos em Moscou*, escrito por Marina Colasanti, minha mulher, relatando os dramáticos dias que vivemos quando da derrubada de Gorbatchov e da ascensão de Yeltsin ao poder. Estava eu lá com cerca de três mil bibliotecários num congresso da IFLA (International Federation of Libraries Associations and Institutions), quando vi o livro da história virar extraordinariamente uma de suas mais cinzentas páginas.

A idéia de que o século XX já terminou e que à revelia de muitos já vivemos no século XXI se consolida se olharmos em torno e nos dermos conta de como nosso cotidiano se alterou não apenas ideológica, mas tecnologicamente. A ideologia, com efeito, é uma tecnologia. Tecnologia às vezes inconsciente, às vezes consciente, que mantém funcionando a máquina social e que organiza uma certa interpretação do mundo. De igual modo a tecnologia contém também a sua ideologia.

Vivemos, portanto, um instante histórico em que estamos descrentes do caráter revolucionário das ideologias, mas confiantes na função transformadora das tecnologias. O século XX nos deixou exaustos com essa mania de rupturas dentro de rupturas e de revoluções dentro de revoluções. Hoje, procuram-se transformações dialeticamente viáveis, mas democraticamente responsáveis.

De algum modo, portanto, há uma similitude entre a passagem do século XIX para o século XX e o cruzamento com o século XXI. Lá, também as máquinas e a velocidade geraram expectativas e estéticas. Lá, também houve um surto místico e orientalista. Lá também as conquistas científicas da segunda metade do século XIX projetavam no século seguinte grandes expectativas de racionalização da realidade. Hoje, com efeito, os computadores e as velocidades velocíssimas recriam o mundo de uma maneira assombrosa, prometendo-nos o até então impensável. A passagem do século XX para o século XXI, mais do que o fim das ideologias utópicas no plano social, talvez se faça assinalar pela fusão entre realidade real e realidade virtual. É como se desencantados

das utopias revolucionárias prometidas pelo século XIX, agora partíssemos para a realidade virtual. É como se desencantados das utopias revolucionárias prometidas pelo século XIX, agora partíssemos para a realidade virtual nos laboratórios e nas telas de cinema e dos computadores, como forma de investimento utópico, artístico e tecnológico.

Não há dias em que não leiamos, não mais nos livros especializados, mas nas revistas e jornais, a afirmação de que estamos vivendo um nova Renascença. Eu mesmo já disse e escrevi isto sem nenhuma originalidade senão a originalidade dos que cantam em coro.

Acostumamo-nos a nos encantar com o Renascimento. Algumas figuras ressaltam dos livros escolares sob esse título: queda de Constantinopla, Gutemberg, Da Vinci, Colombo, Thomas Morus. Isto, para ficar em poucos ícones da metamorfose da época. Um paralelo se poderia arriscadamente criar com o que ocorre hoje. A queda de Constantinopla ocorreu, de novo, em Berlim; Gutemberg hoje estaria trabalhando na produção de *software*, produzindo CD-Roms; Thomas Morus estaria vivendo ou escrevendo esse lugar que habitamos onde a tecnologia se propõe a nos restituir o lazer e o paraíso, mesclando a realidade real à realidade virtual; Colombo sairia a "navegar" a Internet abordando praias e continentes em qualquer computador do mundo, ou, então, atravessando a galáxia para vasculhar o que, há muito, além da Tropicana, com o telescópio Hubble se pode pesquisar.

Restaria Da Vinci. E uma indagação se impõe: - Onde a arte e o artista que dominando a tecnologia de seu tempo construiria a arte de hoje e sempre? Neste sentido, devo confessar meu constrangimento e transferir esse último item para outra aula, que não sei se terei competência para ministrar, e dizer por agora que, infelizmente, os artistas de hoje estão aquém de seu tempo, aquém da tecnologia de que dispõem. A arte atual, que se chama moderna ou pós moderna desfaleceu exausta nas aporias da vanguarda e não consegue dar conta de seu tempo nem nos propor vislumbres para o próximo século. Falta-nos desoladamente um da Vinci e, só por isto, às vezes duvido se estou vivendo ou não em plena Renascença. A menos que estejamos procurando Da Vinci no lugar errado e ele talvez esteja no cinema ou num laboratório de informática.

Por uma questão de método vamos nos restringir, no entanto, ao espaço de Gutemberg, que é o mínimo que podemos fazer nessa aula magna. Falemos do livro, da leitura e da biblioteca na virada para o século que já está aí.

Não é fácil sobreviver e manter o centro de gravidade nos momentos de grande metamorfose individual ou histórica. Não deve ser fácil atravessar o Cabo das Tormentas, navegar pelo Cabo. Não. Em termos atuais, converta-se a metáfora da “viagem” de Colombo em “corrida”, já que a velocidade é a condicionante de nossa época. Há que ter, como numa corrida de Fórmula 1, muita perícia para manter, com pista escorregadia, o carro na curva numa velocidade de 400Km. Estamos desta feita nas “autopistas da informação” numa velocidade vertiginosa e há que evitar a náusea e os acidentes de percurso.

É, ao mesmo tempo, tão fascinante quanto incômoda a adaptação aos novos tempos. Não é fácil para o adolescente deixar de ser criança e tornar-se adulto. Acredito que a lagarta sofre para transformar-se em libélula. E concordo que muitos de nós diante da obrigatória metamorfose histórica e tecnológica digamos como aquela lagarta na anedota de Marshal McLuhan, que olhando a libélula se dizia: “Não, eu jamais me transformarei num monstro daqueles”.

Há dias estava na cidade do México participando da VI Assembléia das Bibliotecas Nacionais Ibero-Americanas (ABINIA). Estávamos ali, 22 diretores de bibliotecas de Portugal, Espanha e América Latina. E conversávamos sobre as transformações que a informática impõe ao nosso tempo. Um dos diretores, então, disse: - “Pois eu sou do tempo do papel carbono”. E disse isto com certo saudosismo e desconforto diante da modernidade, mas ao mesmo tempo, como que reconhecendo um ritmo de fatalidade nas transformações que aí estão ocorrendo. Com efeito, entre o papel carbono, o mimeógrafo a álcool, as cópias xerox e as máquinas que podem escanear livros e ilustrações, existe um salto tecnológico assombroso.

Falávamos disto ali a propósito de uma máquina que a Biblioteca Nacional do Brasil passou a ter e que é capaz de imprimir e encadernar um livro de 135 páginas por minuto. Essa máquina pode escanear livros raros mesmo que eles não sejam totalmente abertos, mantendo uma angulação de apenas 60 graus e, além disto, pode editar à distância.

COMUNICAÇÕES: Palestras

Basta que no Cariri ou na Austrália alguém tenha uma máquina semelhante e eu posso colocar o disquete com o texto ou ilustrações aqui e imprimir à distância, eliminando, portanto, todo o trabalho de empacotar e transportar por avião os exemplares do livro. Narrava eu aos interlocutores da ABINIA que há dias havíamos reproduzido na Bienal do Livro no Rio, ante os espantados olhos de multidões, obras raras como as primeiras edições de *Marília de Dirceu* de Gonzaga, *O Ateneu* de Raul Pompéia, a *Gramática* de João de Barros, *O Uruguay* de Basílio da Gama e *Os Lusíadas* de Camões.

Reproduções dessas obras ao preço de três reais, fazendo com que o caráter único e raro dessas obras seja redefinido e proporcionando uma democratização do produto cultural.

Uma máquina como essa, dizem alguns, obrigará à redefinição do papel do editor e do livreiro. Poderá modificar o conceito de livraria, que não terá necessariamente que ter os volumes guardados, senão receber o comando que, vindo da editora colocará nas mãos do leitor a obra desejada. Deste modo acaba o conceito de obra esgotada. Todas as obras podem ser adquiridas com mais rapidez desde que exista um disquete, uma matriz. E se quisermos retomar a referência à Renascença e sonhar com Thomas Morus, pode-se pensar que no futuro teremos em nossa casa uma máquina receptora assim como o fax de hoje, que nos porá na mão, em minutos, o livro que está na BN/Brasil ou em Harvard.

Uma tal máquina e as variantes que já estão surgindo acabarão também com o conceito de obra rara-única. Para espanto do próprio Walter Benjamin, que no princípio do século tentara equacionar a questão da reprodução das obras de arte na sociedade industrial, as bibliotecas poderão completar coleções de obras raras em forma de papel e livro através de acordos mútuos, além, é claro, de colocarem todos os textos em CD-Roms, que cada vez contém mais informações gráficas, visuais e sonoras. Ainda agora estou sabendo que se está produzindo um novo tipo de CD-Rom que contém 180 vezes mais informações que o CD-Rom comum. Se um CD-Rom já podia conter cerca de 40 livros, imagine-se então o que nos espera. Cada vez mais informação compactuada no menor espaço e à disposição do maior número de pessoas. Este o "maravilhoso mundo novo" que vai além das profecias de Huxley. Hoje, as profecias não são para amanhã, senão para agora. Esta a grande

modificação de nossa época. A simultaneidade espaço-temporal dos eventos interativamente percebidos e das invenções imediatamente postas a serviço do público, que faz com que o novo envelheça a cada minuto.

Este, aliás, um dos ângulos da grande revolução tecnológica de hoje em dia. Mal o produto surge num ponto do mundo, já pode estar sendo consumido do outro lado do planeta, assim como as notícias da CNN, a transmissão da guerra do Golfo ou da Bósnia diretamente. Com isto, diria, ocorre, para reafirmar minha teoria sobre o novo renascimento que vivemos, que o mundo, tecnologicamente deixar de ser ptolomaico para ser copérnico. Ou seja, houve um deslocamento do centro, não há muita diferença entre o centro e a periferia. A universidade de Pelotas, por exemplo, pode ter a mesma tecnologia que a universidade Cornell e manter um diálogo informacional em nível de igualdade.

Essa modificação no eixo da história (Constantinopla/Berlim, de Ptolomeu para a verdade descentrada) ocorre em outros níveis. Os “novos bárbaros” estão também batendo às portas do império romano, invadindo o mercado de trabalho dos Estados Unidos e da Europa, não mais se contendo na África, no Leste Europeu ou nas fronteiras do México. Roma anda assustadíssima com a crescente hora de culturalismo que coloca num mesmo altar tanto um Nobel inglês quanto um Nobel que vive no Caribe, como o poeta negro Derek Walcott, que se utiliza da mesma língua de Shakespeare e que reescreve ao seu modo a *Odisséia* de Homero. Exemplo disto é o novo livro de Haroldo Bloom, *O cânone ocidental*, onde ele propõe que se restabeleça um eixo de leitura, reintroduzindo o conceito de obras clássicas, para evitar que o centro e a periferia se mesquem e que o edifício ortodoxo da cultura se desmorone. Se por um lado, sua obra tem como mérito tentar colocar um pouco de ordem no caos de valores que se estabeleceu no campo da arte e da literatura, por outro lado, é uma síndrome da resistência às mudanças que ocorrem, quando, por exemplo, o Prêmio Nobel começa a ser dado a escritores da chamada periferia que habitam no Egito, Nigéria, Colômbia, México e no Caribe.

Naquela reunião de diretores da ABINIA, no México, no entanto, experimentei ainda um fato diametralmente oposto ao episódio a que me referia anteriormente. Não apenas a constatação de que mal saímos da

idade do “papel carbono” já estamos na época da impressão à distância ou de que a tecnologia chega cada vez mais simultaneamente a vários pontos do planeta. Refiro-me agora a uma outra simultaneidade histórica. E dou-lhes um exemplo. Sai um dia para visitar as pirâmides do Sol e da Lua nos arredores da capital mexicana. É uma experiência extraordinária, tocante, ver e andar entre os edifícios sagrados construídos pelas civilizações pré-colombianas e abismar-se com a riqueza das culturas que ali existiam.

Junto a uma dessas pirâmides, uma mexicana jovem nos explicava as múltiplas funções do cacto chamado *maguei*. Dessa planta se tira tudo. Tira-se a fibra para tecidos, utilizando-se o próprio espinho da planta como agulha; tira-se a bebida, que é o líquido que se armazena dentro da planta depois que lhe tiram o coração; e tira-se também o papel, que era usado pelos antigos astecas. A Índia deu um talhe numa folha do cactus, abriu-a ao meio e descolou inteira uma folha já pronta para receber a escrita, tal qual o faziam os aztecas antigamente.

Como guardião da maior biblioteca de meu país e da América Latina, como interessado em novas tecnologias de comunicação, confesso que fiquei emocionado diante daquela cena. Súbito retrocedia a algumas centenas de anos antes que Cortés desembarcasse ali com sua tropa e queimasse seus navios para impedir que seus soldados voltassem para trás. Ali estavam o ontem e o hoje num só espaço. A escrita, o livro, a leitura como tecnologias para desenvolvimento e registro das culturas.

Diz-se que os desenhos encontrados na célebre gruta de Lascaux têm 22 mil anos; que a escrita teria surgido entre os sumérios e acadianos há seis mil anos; que o nosso alfabeto, vindo dos egípcios, fenícios, gregos e etruscos, teria três mil anos. Portanto, a escrita é algo recente na imemorial história dos homens. O livro em sua forma moderna começou com Gutemberg há pouco mais de 500 anos. Nosso século, no entanto, experimentou relevantes transformações nessa área: conhecemos o livro de bolso publicado aos milhões para o largo público e chegamos ao livro digital não mais impresso em papel, senão espelhado numa tela portátil.

A passagem do pictograma desenhado nas cavernas ao ideograma sobre o papel foi um avanço tecnológico significativo. No pictograma faz-se a representação direta da realidade. Por exemplo: uma montanha aparece desenhada como uma montanha, uma mulher representada

como um triângulo que remete à imagem da região púbica. A passagem para o ideograma consistiu numa operação aparentemente simples, mas que levou séculos para ser realizada. Superpor uma montanha a um triângulo púbico, passou a significar não mais uma montanha e uma mulher isoladamente, mas a mulher estrangeira, aquela que veio do outro lado da montanha. Surgia, então, de forma escrita, a metáfora, que é a concretização verbal de uma abstração. Daí para frente as diversas formas de escrita foram se possibilitando. O hieróglifo (hieros = sagrado, gluphein = grafar) na verdade, reúne as três coisas: o pictograma, os signos e mais o fonograma, ou seja, um outro avanço na história da escrita que é a escrita fonética: a capacidade de registrar as sílabas e as letras das palavras proferidas.

Curiosamente se poderia dizer que a evolução da escrita é semelhante à evolução da pintura e das artes plásticas. Ela vai do Realismo ao Abstracionismo. Quem toma a obra de Mondriam ou de Malevitch poderá ver como eles saíram aos poucos de obras representativas da realidade e foram eliminando até chegar à abstração total. Mondriam chega a estilizar em quadros coloridos as ruas da moderna Nova York, e Malevitch, mais radical, chegou ao quadro pintado todo em branco efetivando assim a exasperação e a exaustão da sua pesquisa formal. De igual modo, nessa linha de estilização dos traços de nosso alfabeto, quem vê a vogal O, mal pode perceber que ela derivou de "olho", que o "n" veio de "cobra" e o "m" das ondas do "mar" ou da representação da "água".

Como lembrava eu numa reunião em Madrid (onde no belo e austero El Escorial, erguido por Felipe II, se reuniram recentemente os diretores da Biblioteca de Paris, da British Library, da New York Public Library, da Biblioteca Nacional da Tcheco-Eslováquia, da Biblioteca Nacional da Espanha e do Brasil), os princípios básicos da estrutura e da função do livro e da biblioteca já estavam definidos há 43 séculos, conforme testemunharam as ruínas da biblioteca da cidade de Ebla, na costa da antiga Mesopotâmia. Naquela cidade viviam 250 mil habitantes. Pois aí descobriu-se entre 1964 e 1975 um palácio com 17 mil fragmentos de tabuinhas escritas. Nessa cidade existiam, para nosso espanto, 18 mil escribas e foram encontrados 32 dicionários sumério-eblaitas. E ali já se

praticava a biblioteconomia com muitas das características mantidas até hoje.

Pois bem, chegou às minhas mãos há alguns dias, via Internet, o depoimento que James Billington, - chefe da maior biblioteca do mundo, a Biblioteca do Congresso, deu ao senado americano. (E vejam como sou naturalmente levado a transitar, não só no meu discurso, mas na realidade, entre a folha do cactus *maguei* e a Internet). Dei-me conta, então, de que suas propostas em nada diferem daquelas que formulei há cinco anos, quando lancei no Brasil o Projeto Biblioteca Ano 2.000 com o objetivo de dinamizar as bibliotecas do país, transformando-as em pólo de desenvolvimento humano e social. A única diferença é quantitativa. Ele tem 80 milhões de livros, nós 8 milhões. Ele quer transformar 5 milhões de livros e peças em CD-Rom até o ano 2.000 e para isto tem cerca de 400 milhões de dólares. Mas aqui, já este ano vamos criar os laboratórios para fazer CD-Roms, já estamos começando a escanear e imprimir obras raras e apesar de todas as dificuldades vamos iniciar a informatização do Sistema Nacional de Bibliotecas e já sonhamos até com uma comunicação via satélite entre essas bibliotecas.

Estatísticas estimam que no Brasil produzimos cerca de 300 milhões de livros ao ano, cerca de 30 mil títulos novos. São mais estimativas que estatísticas, pois não há dados seguros dos dois últimos anos, desde que o real estabilizou nossa economia e a indústria editorial passou a anunciar que aumentou suas vendas em cerca de 100%

De qualquer forma, diz-se também que existem no Brasil cerca de 500 livrarias. Sempre duvidei desse número. Razão pela qual estamos dentro da FBN fazendo uma estatística própria para cruzá-la com outras. Segundo levantamentos outros, as livrarias chegam a mil e poucas. Mas há ainda os chamados "pontos de venda", as bancas de jornais (algumas verdadeiras minilivrarias) e, sobretudo, a venda direta ao consumidor que desencadeia alguns fenômenos curiosos como, por exemplo, o fato de as edições Aguilar da Nova Fronteira (livros em papel fino, de obras completas de Augusto dos Anjos, Murilo Mendes, Guimarães Rosa e outros), estarem vendendo várias edições sucessivas, superando as vendas de livros comuns nas livrarias.

Diz o anuário estatístico do IBGE, do ano de 1993 que aqui existem 14.948 bibliotecas. Temos cadastradas cerca de 3 mil e o Conselho de

Reitores das Universidades Brasileiras nos informa que existem cerca de 90 bibliotecas universitárias. Nas que cadastramos sabemos quantos livros têm, como estão instalados, que outros equipamentos possuem, a quantos leitores atendem. De resto, quantas editoras temos? Aquelas 300 registradas pela Câmara Brasileira do Livro ou cerca de 3.000 (muitas talvez apenas gráficas) que se cadastraram como tal nos arquivos da Biblioteca Nacional?

Para ajudarmos a clarear um pouco o panorama estatístico e termos mais firmeza nos projetos vamos aperfeiçoar nossas pesquisas. Cruzar as que existem com outras novas que faremos. Por exemplo, acabamos de encomendar à *Vox Populi* e ao *Jornal do Brasil* uma pesquisas sobre hábitos de leitura, para que possamos conduzir com mais objetividade uma série de ações em torno do tripé livro-leitura-biblioteca.

Surgem aí alguns dados sintomáticos: 57% da população não compram jornais ou livros, sendo que 53% jamais compraram um livro. 50% dizem que não costumam ler, e 41% lêem de vez em quando; 63% não estão lendo nenhum livro no momento. Sintomaticamente, no entanto, 67% dos que lêem confessam que lêem por puro prazer e só 16% por necessidade. Outro dado curioso é que 44% preferem livros de história, literatura e aventura e que os chamados *best sellers* interessam apenas a 6%.

Daí eu diria que o Brasil tem hoje que enfrentar a questão da leitura em duas frentes. Contra o analfabetismo e contra os analfabetos funcionais. Há dias, a propósito do dia internacional da alfabetização anunciou-se que só temos 20% de analfabetos, ou seja, 30 milhões de pessoas. É realmente um avanço se lembrarmos que na nossa infância ouvíamos falar em cerca de 40 ou 50%. Para não ficarmos muito humilhados, no entanto, podemos levar em conta que no mundo até o século XVIII apenas 2% da população mundial sabiam ler. E mesmo assim o mundo avançou. E como, poderíamos exclamar?! Imaginemos se fossem todos alfabetizados. Que artistas, cientistas e administradores não teríamos. Bom, isto é tão fantasioso como imaginar com quantas descobertas e obras de arte poderia contar o mundo se na II Guerra Mundial não houvessem matado 20 milhões de pessoas ou se o regime soviético não tivesse liquidado também 20 milhões e o chinês outro tanto. Com efeito, retomando a imagem do Renascimento a que nos referimos

no princípio dizia um poeta de então, que devido às guerras, “no Índico Oceano perdeu-se o melhor daquela idade”.

Assim como o surgimento do livro em produção industrial ajudou na alfabetização e criou paradoxalmente um fosso entre o alfabetizado e o analfabeto, estamos vivendo hoje uma situação peculiar. Além dos analfabetos e dos analfabetos funcionais temos os analfabetos tecnológicos, que são aqueles que ainda resistem a se adaptar à máquina, apegados ao “papel carbono”.

(Devo confessar que uso computador, uso máquina de escrever, e escrevo à mão, quando me convém. Tenho uma bateria de canetas de várias marcas e cores, com tintas diversas e vou escrevendo conforme minha mão exige um certo peso ou leveza, conforme o estado de alma exige essa ou aquela tinta. E muitas vezes começo a escrever à mão e só passo para o computador quando já sei a direção que a escrita quer ter).

Há pouco tempo escrevi uma crônica sobre essa forma de analfabetismo tecnológico. Referia-me ao uso da torneira nos banheiros modernos dos aeroportos e hotéis. Antigamente torneira era um objeto simples, você a girava de um lado para o outro e ela jorrava água. Hoje, depois de tanta pesquisa há torneira de todo tipo, e como não sabemos o seu funcionamento perdemos dez, quinze minutos diante delas, perplexos; e há quem cansado, ao chegar num hotel tarde da noite, abra mão do banho por pura incompetência tecnológica.

Nesta mesma linha lembro-me de um médico amigo que um dia fez-me a propósito das revoluções tecnológicas, a pergunta: - “Sabe como temos noção se numa casa há adolescentes? Basta olhar o relógio digital do aparelho de vídeo. Se a hora está certa, há adolescente; se está errada só há adultos”. É como se isto fosse uma reedição da geração papel carbono. Uma geração do toca-discos, do gramofone.

Isto, saindo desse aspecto quase anedótico, ilustra a afirmação de que a tecnologia sempre desclassifica pessoas e classifica outras. Ter aprendido a ler criou uma casta; possuir livros, outro *status*, e, hoje, saber ou não manejar o computador está passando a ser um modo de se inserir ou não no mercado de empregos, poder ou não se aperfeiçoar, ser capaz ou não de captar o momento histórico que vivemos.

Neste sentido, o Governo está enfrentando um desafio sintomático. Tendo o Ministério da Educação lançado um massivo programa de

educação através de aparelhos de televisão e vídeos instalados nas escolas em todo o país, está diante desse dilema: de um lado os equipamentos do chamado “Primeiro Mundo”, de outro, a sala de aula, o aluno de “terceiro” ou “quarto” mundos. Poderão se entender? Conseguirão os professores mediar esse salto histórico e tecnológico, queimar etapas e fazer avançar a questão da educação no país?

No que tange à leitura, devo reafirmar que a FBN está fazendo através do PROLER e da CASA DA LEITURA um formidável esforço para implantar em todo o país uma consciência de que a leitura é um móvel de transformação do país. Em cerca de 300 municípios já estão sendo realizados módulos de cursos, sempre em parceria com Secretarias da Cultura e Educação, mas aliciando toda e qualquer instituição, seja militar, religiosa ou comercial, que queira participar do grande projeto de transformação da consciência do cidadão através da leitura e da informação crítica.

Com efeito, de alguns anos a essa parte tem havido um crescente interesse em torno da prática e da história da leitura. E a história da leitura corresponde em muito a uma crescente laicização do livro e a uma democratização do saber. Os primeiros livros básicos das culturas antigas sempre foram religiosos. A escrita em si mesma era considerada um dom sagrado. Que o digam os egípcios que criaram o hieróglifo e que tinham o deus Toth como o deus da escrita. É curioso, por exemplo, lembrar que a famosa “primeira” gramática em língua portuguesa, de João de Barros, de 1539, na primeira parte ensina o alfabeto e, na segunda, o catecismo.

No mundo grego a leitura pública, laica e individual já existia como o atestam os desenhos nas cerâmicas e murais. E a onda de leitura pareceu crescer tanto naquela época que Sócrates chegou a se manifestar dizendo que a leitura não poderia substituir o mestre. Essa questão que os estruturalistas e pós-estruturalistas dos anos 60 e 70 abordaram, ao restabelecer, através de Jacques Derrida, por exemplo, a querela entre a grafia e a oralidade, pode ser retomada hoje de outra forma, quando diante dos computadores mais avançados especula-se se o mestre será substituído pelas máquinas tomando o ensino mais frio e pouco humano. Neste assunto, que não tenho como aprofundar aqui, digo apenas que nada prova que uma coisa dispense a outra. A sabedoria dos homens em todas as culturas foi fazer coabitar tecnologias as mais

variadas. Assim como seria empobrecedor um mundo sem artesanato, onde tudo fosse produzido apenas industrialmente, sem o toque irregular, humano e quente do tecelão e do ceramista, é claro que a oralidade não deve nem será eliminada, assim como o livro de papel, o manuscrito ou o pergaminho devem conviver com o livro digital, ocupando cada um o seu espaço e até interagindo de acordo com as circunstâncias.

Retornando à questão da leitura, historiando-a, é necessário lembrar que não apenas na Grécia, mas também em Roma a leitura pública era um item importante na agenda do imperador Júlio César, que havia vivido em Alexandria, sede da mítica biblioteca. Igualmente, Tibério se interessava pelas bibliotecas e pela leitura, chegando até a criar o cargo de *procurator bibliotecarum* uma espécie de “diretor geral das bibliotecas”.

Mas foi no Renascimento que a leitura em nossa cultura voltou a florescer publicamente com a descoberta do modo de composição industrial do livro. Ter Gutemberg escolhido a Bíblia como primeiro livro a ser divulgado amplamente foi um gesto revolucionário; foi colocar o sagrado em mãos profanas. Mas embora a leitura seguisse sua marcha de popularização, como lembra Wilson Martins no seu monumental *A Palavra Escrita*: “É sabido que os primeiros tipógrafos, em parte por interesse comercial, em parte por simples espanto, procuraram manter o maior segredo em torno da nova invenção. A tipografia foi, em seus primeiros tempos, uma verdadeira sociedade secreta, na qual os iniciados eram admitidos sob juramento de sigilo”.

Mas vai ser no século XVIII, com o Iluminismo, aprofundando algumas questões colocadas pelo Renascimento, que a leitura avança ainda mais, pois passou-se a traduzir para as línguas ocidentais muitas das obras clássicas até então apenas acessíveis em grego e latim, decorrendo daí uma maior popularização da tradição cultural do Ocidente e do Oriente.

Hoje o Brasil lidera na América do Sul um consistente programa de promoção da leitura, que não consiste apenas em anúncios perfunctórios na televisão e nos *outdoors*. Através do PROLER já realizamos vários encontros internacionais para fomentar intercâmbio com países do Mercosul, do Pacto Andino e Amazônico e com o Grupo dos Três. Há pouco o Presidente Fernando Henrique Cardoso dedicou todo um

programa de rádio - "Palavra do Presidente" - assumindo esse programa como de interesse do Estado.

Estamos, assim, saindo do século XX e indo, ou já pisando o século XXI. Lembro-me aqui de uma frase de Robert Massin numa crônica sobre "A cidade e as letras": "A cidade é um enorme livro aberto, escrito por uma mão anônima. Basta olhá-la, as imagens falam por si mesmas". Sem conhecer esse texto de Massin, havia eu escrito há algum tempo uma crônica também sobre o constrangimento e o desconforto que deve sentir um analfabeto que tem que se locomover numa de nossas cidades, onde cartazes, anúncios e tabuletas sinalizam, vendem, advertem, transformando a paisagem num gritante discurso. E me referia ainda a uma coisa específica, à invasão de palavras de outras línguas, siglas e palavras inventadas que tornam ainda mais enigmático esse mundo urbano para quem não se iniciou nas letras. Por outro, destacava, referindo-me até a exemplos ilustrativos, de como muitos cidadãos, mesmo sem saberem o alfabeto, circulam e sobrevivem entre esses signos, numa proeza fantástica, pois isto é como se um de nós, da cidade, tivesse que caminhar na floresta, sem saber onde estão as serpentes, as feras e os mosquitos transmissores de febres, ou que frutos são venenosos ou se a água está ou não contaminada.

O índio sabe ler a floresta. O homem urbano deve ler a cidade. O homem urbano na floresta é tão analfabeto quanto o índio na cidade. Nisto tudo, o que conta é a leitura do mundo. A onda ecológica que desde os anos 60 vem crescendo sinaliza um reencontro da cultura com a natureza como a dizer que os indivíduos começaram a perceber que a natureza está mandando sinais desesperados e que é preciso lê-la, interpretá-la para que o planeta sobreviva. Há que ler os signos em torno, estejam eles nas estrelas, nos pergaminhos ou na tela do computador. Podem os suportes da leitura se modificar, mas o objetivo do livro e da biblioteca permanece o mesmo. O mesmo que tinha em Ebla, há 23 séculos antes de Cristo.

Estive falando do livro, leitura e bibliotecas, mas aproximando-me do fim desta "aula magna" não poderia deixar de indagar mais especificamente sobre o papel da universidade dentro do renascimento tecnológico que vivemos e o papel das bibliotecas universitárias em tudo isto.

Infelizmente a universidade brasileira é muito recente. É de 1934.

Qual o papel das bibliotecas universitárias dentro e fora da universidade?

Há uma anedota que tem como centro a figura pitoresca de Pedro Calmon, que durante anos dirigiu a universidade hoje conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro e que naquele tempo se chamava Universidade do Brasil. Foi ele acordado alta madrugada por alguns servidores da universidade, aflitos, porque os estudantes haviam entrado em greve e, seguindo o furor indômito desses momentos, estavam se dirigindo para a biblioteca da universidade, ameaçando botar fogo no prédio. Ao ouvir isto, Pedro Calmon disse: - "Se é assim, então acalmem-se, porque não corremos nenhum perigo. Os estudantes não sabem onde é a biblioteca".

É evidente a correlação entre a freqüência à biblioteca e o aprendizado. É lógico também que uma biblioteca bem equipada seduz melhor os pesquisadores. Por outro lado, tanto mais uma biblioteca será aprimorada e o reitor terá que melhorá-la, tanto mais os estudantes a procurem e exijam melhorias.

Já que iniciamos essa aula fazendo ponderações às margens do próximo milênio, caberia aqui perguntar: - O que será a universidade do século XXI?

Continuaremos a assistir a aulas expositivas? Continuaremos a copiar à mão algumas informações dos livros? Continuaremos a fazer xerox de livros? Continuarão os professores a levar para casa quilos de papel para corrigir? As teses continuarão a ser apresentadas em papel e serão defendidas como na Idade Média?

São perguntas que a imaginação de cada um pode ir respondendo.

Lembro-me que na década de 70 cheguei a encaminhar à CAPES um projeto para que se produzissem vídeos com aulas dos principais professores de literatura e a partir daí se constituísse uma coleção de aulas-conferências sobre temas determinados, de tal maneira que um aluno do Acre pudesse fazer um curso sem sair de seu estado. Pensava até numa pós-graduação à distância.

Tivéssemos feito isto teríamos, pelo menos, a memória de como lecionava toda uma geração que já se aposentou e teríamos adiantado alguma coisa na difusão e integração da cultura. Hoje, se fosse propor

algo, seria em torno dos CD-Roms e multimídias, que poderiam comportar cursos inteiros perfeitamente ilustrados. Ou, ainda, cursos que podem começar a ser dados via Internet ou através de redes interativas de televisão. Essas duas últimas possibilidades podem ser realizadas tecnicamente. Haveria uma descentralização das informações e uma democratização do saber. Economizaríamos tempo, aviões, passagens.

Fico muito à vontade para lhes dizer todas essas coisas, porque eu também venho da geração “papel carbono” e do “mimeógrafo a álcool”.

Nos anos 70 também me dispus a capitanear um projeto junto à informática da PUC/RJ para colocar no computador todas as obras fundamentais da literatura brasileira, de tal maneira que o pesquisador pudesse fazer pesquisas lingüísticas e de comportamentos estilísticos. Infelizmente, o computador daquela época tinha um Q.I. muito baixo. Se eu quisesse saber alguma coisa sobre o texto deveria assinalar, previamente, nos cartões perfurados as palavras, as sílabas ou fonemas. Portanto, só poderia perguntar o que eu já sabia, e cada vez que quisesse pesquisar uma coisa nova teria que rebater todo o texto e assinalar de alguma forma as letras, sílabas e termos que seriam úteis ao trabalho. Era inviável.

Em menos de 20 anos isto se tornou possível. Não estou mais na universidade, mas quem sabe se seria interessante alguém pensar nisto?

Meus amigos: o século XXI está aí. E se me permitirem, gostaria de terminar essa fala com um poema. A poesia, essa coisa arcaica como a folha do cacto *magueli* e o papiro, onde a imaginação humana viaja com uma velocidade superior à da Internet. É um poema de adeus a esse terrível e maravilhoso século, um poema intitulado: “Epitáfio para o século XX”. Espero que esse fim seja uma forma de renascimento.

EPITÁFIO PARA O SÉC. XX

1. Aqui jaz um século
onde houve duas ou três guerras
mundiais e milhares
de outras pequenas
e igualmente bestiais.

2. Aqui jaz um século
onde se acreditou
que estar à esquerda
ou à direita
eram questões centrais.

3. Aqui jaz um século
que quase se esvaiu
na nuvem atômica.
Salvaram-no o acaso
e os pacifistas
com sua homeopática
atitude - *nux-vômica*.

4. Aqui jaz o século
que um muro dividiu.
Um século de concreto
armado, canceroso,
drogado, empestado,
que enfim sobreviveu
às bactérias que pariu.

5. Aqui jaz um século
que se abismou
com as estrelas
nas telas
e que o suicídio

de supernovas
contemplou.
Um século filmado
que o vento levou.

6. Aqui jaz um século
semiótico e despótico,
que se pensou dialético
e foi patético e aidético.
Um século que decretou
a morte de Deus,
a morte da história,
a morte do homem,
em que se pisou na Lua
e se morreu de fome.

7. Aqui jaz um século
que opondo classe a classe
quase se desclassificou.
Século cheio de anátemas
e antenas, sibérias e gestapos
e ideológicas safenas;
século tecnicolor
que tudo transplantou
e o branco, do negro,
a custo aproximou.

8. Aqui jaz um século
que se deitou no divã.
Século narciso & esquizo,
que não pôde computar
seus neologismos.
Século vanguardista,

marxista, guerrilheiro,
terrorista, freudiano,
proustiano, joyciano,
borges-kafkiano.
Século de utopias e hippies
que caberiam num chip.

9. Aqui jaz um século
que se chamou moderno
e olhando presunçoso
o passado e o futuro
julgou-se eterno;
século que de si
fez tanto alarde
e, no entanto,- já vai tarde.

10. Foi duro atravessá-lo.
Muitas vezes morri, outras
quis regressar ao 18
ou 16, pular ao 21,
sair daqui
para o lugar nenhum.

11. Tende piedade de nós, ó vós
que em outros tempos nos julgais
da confortável galáxia
em que irônicos estais.
Tende piedade de nós
- modernos medievais -
tende piedade como Villon
e Brecht por minha voz
de novo imploram. Piedade
dos que viveram neste século
per seculae seculorum.